

5 Conclusão

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, temos elementos suficientes que justificam a revisão de pelo menos uma das notas de pé de página a Platão, segundo a qual o parricídio no *Sofista* consiste em uma refutação direta e, conseqüentemente, em um afastamento em relação a Parmênides de Eléia.

Como vimos em (1), esta é a interpretação tradicional das relações entre Parmênides e Platão. Todos os estudos mencionados naquele capítulo assumem que o parricídio levado a cabo no *Sofista* consiste em uma espécie de superação de pressupostos genuinamente parmenídicos, que davam margem a inúmeros argumentos sofísticos segundo os quais as noções de imagem e de discurso falso são incoerentes. Dito de modo simples, esta superação ou refutação consiste na introdução de uma terceira categoria ontológica situada entre o *ser* e o *não ser*. Esta categoria intermediária diz respeito aos objetos do mundo sensível, aos quais corresponde uma faculdade cognitiva específica, denominada *dóxa*. Nesta perspectiva tradicional, Parmênides é interpretado como um filósofo que postulava uma dicotomia extrema entre *ser* e *não ser*, rejeitando completamente o mundo da multiplicidade sensível. Trata-se de um Parmênides que defende o monismo numérico, isto é, uma ontologia extremamente austera, que só admite um único item, o Ser. Esta interpretação de Parmênides defendida pelos estudos ali citados em nada difere da interpretação *standard* de Parmênides, veiculada atualmente por diversos manuais de Filosofia Antiga. Ou seja, segundo estes estudiosos, a leitura platônica de Parmênides em nada difere, na estrutura geral e nos detalhes, da interpretação contemporânea do eleata mais aceita.

No entanto, como vimos em (2), nenhum destes estudos tradicionais se preocupou em estabelecer inicialmente um conjunto apropriado de pressupostos para a tarefa de determinar qual é efetivamente a interpretação platônica de Parmênides. Platão, infelizmente, não estava imbuído de escrúpulos ou mesmo de preocupações historiográficas, no sentido moderno do termo, a ponto de declarar expressamente qual é a sua leitura de Parmênides. Fez-se necessário, assim, inferir

a interpretação platônica de Parmênides a partir dos usos que Platão dele faz no desenvolvimento de sua própria doutrina. Ao ignorar este fato, os estudos tradicionais foram levados a sérios equívocos. Todos eles falharam em estabelecer um modelo apropriado para investigar a influência de Parmênides sobre Platão, ou melhor, para determinar qual é a apropriação platônica de Parmênides subjacente aos usos mesmos de elementos parmenídicos. Todos estes estudos adotaram, ainda que de forma implícita, uma interpretação independente de Parmênides – leia-se, a interpretação *standard* de Parmênides – e tentaram depois determinar as relações entre Parmênides e Platão *com referência* a esta interpretação independente. Feita esta constatação, surgiu a questão acerca de como avaliar corretamente as relações entre os dois filósofos. A opção de leitura que nos pareceu mais apropriada consistia em examinar atentamente, a partir de uma tradução do texto grego, a passagem em questão, analisando os argumentos na ordem em que aparecem no texto, com atenção especial para a dinâmica da conversação entre os principais personagens. Mas o que nos parecia fundamental para a eficácia desta análise era evitar quaisquer referências independentes aos fragmentos de Parmênides, isto é, quaisquer referências que não fossem indicadas, de modo explícito ou implícito, pelas passagens do texto platônico sob nosso escrutínio. Assim, esperávamos não incorrer no erro de pressupor uma interpretação de Parmênides independente da recepção platônica propriamente dita.

De posse desta atitude de leitura, digamos assim, partimos em (3) para a análise do texto propriamente dito. Após um exame da colocação do problema, no qual se apela a Parmênides para inviabilizar as noções de imagem e de discurso falso, e dos cinco argumentos subsequentes que aprofundam as dificuldades relativas à noção de não-ser, chegamos a algumas conclusões interessantes. Em primeiro lugar, pareceu-nos claro que os dois versos de Parmênides citados pelo sofista foram completamente retirados de seu contexto original e utilizados de uma maneira completamente estranha aos propósitos parmenídicos. No que diz respeito aos cinco argumentos concernentes à noção de *não-ser*, notamos que eles não são uniformes. Ou seja, enquanto os três primeiros argumentos têm como função principal reiterar e reforçar a própria apropriação platônica de Parmênides, conforme a utilização do mesmo no livro V da *República*, os dois últimos

argumentos têm como objetivo ilustrar o tipo de procedimento levado a cabo pelos sofistas em suas discussões.

Com isso, levando em conta as inúmeras sutilezas de um texto eminentemente dramático, interpretamos o parricídio não como um afastamento em relação a Parmênides ou mesmo como uma ironia. Tudo o que o Estrangeiro solicita é que *não* o tomem como um parricida. Trata-se, portanto, de um pedido sincero e honesto. Por meio deste pedido, Platão esperava indicar ao leitor que, em vista da sua própria interpretação de Parmênides, a captura do sofista não exige tal refutação. Com isso, acreditarmos estar de posse de uma interpretação satisfatória da passagem alvo de nossa dissertação.

Mas isso, no entanto, ainda não é suficiente para determinar de forma definitiva e global qual é a dimensão da influência de Parmênides sobre Platão. Esta tarefa de compreender a influência de Parmênides em Platão, diga-se de passagem, só pode ser realizada a contento por meio de uma visão panorâmica de todos os diálogos, capaz de permitir uma compreensão das linhas gerais de desenvolvimento da metafísica platônica. De posse desta visão panorâmica, que leva em conta o desenvolvimento do pensamento do próprio Platão, será mais fácil obter resultados seguros no que diz respeito às relações com Parmênides de Eléia. Seria ocioso estendermo-nos a esse respeito, mencionando que, no âmbito do minguado número de páginas de uma dissertação, não se faz possível empreender tal tarefa. Além de fôlego e pulso, tal tarefa exige tempo e leitura. Como a passagem que analisamos compreendeu apenas determinadas passagens do *Sofista*, podemos afirmar que nosso principal resultado ou conclusão consiste não propriamente em uma abordagem definitiva acerca da influência de Parmênides em Platão, mas em um apelo para que, nas futuras considerações acerca desta influência, sejam considerados os diálogos em sua máxima abrangência. Ou seja, a compreensão da utilização platônica de elementos parmenídeos adquire relevância filosófica somente quando esta tarefa é feita sobre o pano de fundo mais amplo do desenvolvimento da teoria das Formas. E é justamente nesse caminho que daremos nossos próximos passos de investigação, se os Deuses eternos assim o permitirem.